

GALIZA, ESSE LUGAR DA EUROPA

AITOR TIAGO IGREJAS PERES

PAULO TOBIO ESPINHO

PAULA FERNANDES OUTEIRO

PAULO MALVAR FERNANDES

MOVIMENTO DE DEFESA DA LÍNGUA (MDL)

I

A Galiza, esse lugar da Europa ao norte do actual Estado português, imersa administrativa, política e militarmente no Reino da Espanha encontra-se, desde há mais de quinhentos anos, num processo contínuo de substituição da sua própria língua e identidade nacional pelas dos colonizadores/as espanhóis/las. A portugalidade deste território, parte do berço da nação portuguesa, é indubitável. A mesma língua em cada uma das duas margens do Minho, a saudade, a gaita de foles, o carvalho, a geografia, os costumes, a demografia, o folclore (p.ex. viras e malhão), a gastronomia..., são sinais de uma mesma identidade. Mas, em função da domesticação e castração da que poderíamos chamar Grande Olivença, o Império espanhol (plasmação do projecto imperialista castelhano) assegurou o controlo político e militar do Além Minho.

II

Durante os primeiros séculos Espanha apenas conseguiu a espanholização das elites (militares, políticas, religiosas, culturais, etc...). O povo, governasse quem os governasse, continuou a manter a unidade além e aquém Minho, mas isto mudaria pouco a pouco com o tempo. Apesar das ocasiões (frustradas pelas pressões da Espanha, França, Inglaterra) em que a Galiza esteve a um passo de reintegrar-se

com o resto dos povos portugueses num só Estado, o povo galego não pode partir as cadeias que o mantinham no Reino de Espanha. E assim, a introdução da educação (espanhola) e a aparição dos meios de comunicação (espanhóis) na Galiza tiveram como consequência a perda acelerada (até então fora mínima) da consciência nacional e de sinais de identidade portugueses na Galiza. Num período de constantes guerras e revoltas, a Galiza acabou por ser muito prejudicada, sendo objecto das iras e da cobiça dos monarcas castelhanos. Os portugueses da Galiza eram mão de obra barata e os recursos naturais eram explorados em benefício da Monarquia e a Igreja espanholas. A cultura e a língua, perseguidas e maltratadas, eram (e ainda são) afogadas às mãos da cultura espanhola (desde a Igreja à educação e à administração das vilas...).

Num quadro político totalmente espanhol aparecem diversos movimentos ou grandes pensadores que apostam na reintegração (e assim dignificação) da nossa identidade cultural e nacional num bloco que se veja a chamar galego-português. Temos assim o Padre Sarmiento, o Padre Feijó, João Manuel Murguia, Eduardo Pondal, João Vicente Biqueira, Antom Vilar Ponte, Castelão, as Irmandades da Fala, o Grupo Nós, o Partido Galeguista... Mais recentemente destacam pela sua importância e coerência Ricardo Carvalho Calero, Manuel Rodrigues Lapa, a Associação Galega da Língua (AGAL) ou o Movimento de Libertação Nacional Galego.

Paradoxalmente, ao longo da nossa história, quanta maior era a perda da nossa identidade maior era a reacção para recuperarmos a consciência. Assim, nestes últimos anos, os de menor número de lusófonos, é também o momento no que os movimentos em defesa da nossa identidade têm maior sucesso e presença social. Este é, pela primeira vez na nossa história, um momento em que o “galego (português) vende”, até ao ponto dos ideais nacionalistas (de recuperação da nossa identidade cultural e nacional) serem cada vez mais importantes eleitoralmente.

Actualmente, apesar da pretendida situação de normalidade democrática no Estado espanhol e da existência de um desejo maioritário da população de recuperar os nossos sinais de identidade, os direitos nacionais e culturais dos portugueses da Galiza são ignorados por lei ou decreto. Para este fim negam a portuguesidade da Galiza até ao ponto de inventar-se toda uma pseudo-cultura autóctone folclorizada e castelhanizada na qual não tem importância a defesa da nossa cultura, mas sim muito a manutenção do actual status quo em que a Galiza continua a estar totalmente subordinada aos interesses imperialistas espanhóis. Assim, inventam um novo idioma (castrapo), que não é mais que uma mistura de castelhano com algo de português, convertendo o português da Galiza num dialecto do castelhano. Assim empregam as nossas mais genuínas expressões culturais fazendo delas uma simples anedota, uma mostra da riqueza cultural da Espanha (quando são mostra da nossa diferença já que somos portugueses, nunca espanhóis). Assim enchem a Galiza dos seus símbolos (espanhóis) e destroem ou espanholizam os nossos.

Além de ignorados os nossos direitos nacionais e culturais, toda a dissidência política e cultural é perseguida e criminalizada com todos os meios do poder espanhol. Somos uma colónia ocupada na qual se penaliza e oculta a resistência contra Espanha com a marginalização social, a perda do trabalho, da liberdade e de outros direitos fundamentais ou, ainda, da própria vida. Além disso, séculos de colonização têm produzido um profundo auto-desprezo e um debilitamento da nossa força como povo, o que tem impedido uma resposta com êxito pela libertação nacional. A separação dos territórios portugueses (DIVIDE ET IMPERA) foi muito útil a uma Espanha que se queria hegemónica na Península. O empobrecimento da Galiza (algo semelhante ao ocorrido com a Irlanda colonizada pela Grã-Bretanha) provocou a perda de grande material humano através da emigração, já que esta era a única saída que lhe restava a uma Galiza que morria por culpa da opressão espanhola. A opressão espanhola também se manifestava nas levadas sistemáticas às que se viam submetidos os habitantes da Galiza nas distintas guerras e revoltas em que a Monarquia espanhola se via implicada. Este foi o caso da traumática, para a Galiza, Guerra da Independência de Portugal, onde se consumiram, segundo José Lucas Labrada, as vidas de mais de 200.000 homens enviados contra os demais portugueses (que desde então têm a sorte de viver livres da dominação espanhola).

III

Assim, para concluirmos, constatamos:

* A cultura e a identidade nacional portuguesas na Galiza (da mesma maneira que

em Olivença) são vítimas de um processo contínuo de agressão-substituição que os distintos sistemas de poder da Espanha veem aplicando sistematicamente desde a Idade Média até hoje.

* O conflito nacional e cultural existente na Galiza (e mais em Olivença) não é, em absoluto, um processo natural, mas uma estratégia ao serviço do projecto nacional espanhol para substituir definitivamente a portuguesidade destes territórios sob o controlo do Estado espanhol.

* O presente âmbito legal no estado espanhol (Constituição espanhola de 1978), apesar do seu carácter pseudodemocrático, consolida a discriminação e a perseguição da cultura e nacionalidade portuguesas no Reino da Espanha, "patria común e indivisible de todos los espanholes" e, portanto, nunca dos portugueses. Este quadro legal subordina os interesses da Galiza à unidade nacional espanhola, unidade defendida pelo exército espanhol e demais forças de ocupação, negando assim o direito democrático da auto-terminação ao povo da Galiza e impondo um regime de semi-autonomia que outorga ao estado espanhol o total controlo político e militar do nosso povo.

Por isso, para terminar com o problema político e social que causa a colonização da comunidade portuguesa no Estado espanhol, é pertinente, necessário e urgente reestabelecer plenas relações culturais, políticas e militares entre a Galiza e Portugal; relações que desde aqui desejamos que se iniciem quanto antes e que derivem na total independência a respeito de Espanha.